

ANTÔNIO XERXENESKY

Reco

1.

Aos vinte e cinco anos de idade, eu pensava já ter visto muitas coisas na vida. Havia presenciado uma decapitação, dois enforcamentos, uma castração, três mortes causadas por queda de um lugar alto, uma cabeça destroçada por um tiro de espingarda, pessoas importantes e ricas desabadas no meio de uma multidão após um disparo de rifle, um ex-nazista sofrer um ataque cardíaco nada acidental, um pedófilo despencar no poço de um elevador e mais uma dúzia de rostos rígidos e frios, alguns litros de sangue e malas cheias de dinheiro vivo. Naquela época, olhava para esse histórico com orgulho: quantas garotas da minha idade podiam dizer que testemunharam tudo isso? A maioria nem viu o cadáver do avô tranquilo no caixão. No entanto — e pode parecer que estou fugindo do assunto —, eu ainda não havia assistido a *Cidadão Kane*, de Orson Welles, considerado por muitos críticos o melhor filme da história do cinema. Curiosamente, uma obra dirigida, produzida e atuada por Welles quando ele era um rapazote de exatos vinte e cinco anos, a idade na qual fui obrigada a assistir *Cidadão Kane* pela primeira vez. Estávamos em 1985 e Orson Welles viria a morrer no dia 10 de outubro daquele mesmo ano.

*

Tento me convencer de que a história da minha vida não é tão confusa. Se não me persuadir disso, será impossível colocar ordem nos acontecimentos. Por isso escrevo essas linhas, para organizar minha vida de uma maneira que ela possa fazer sentido — para mim e para quem vier a ler estas palavras.

Cabe dizer, antes de mais nada, portanto, que meu nome é Ana. E que, ao contrário das outras Anas de meu país, cujos nomes têm complementos como Maria, Paula etc., sou simplesmente Ana. Meus pais pensaram que, como eu teria um sobrenome esquisito e incomum, cheio de consoantes e quase impronunciável por outros brasileiros, isso me bastaria.

Nasci em janeiro de 1960, mas não sou a típica “filha dos anos 60”, surgida do encontro de dois hippies em alguma comunidade de amor livre. Pelo contrário. Meus pais representam a última geração na qual predominaram casais conservadores e bem-comportados. Não que o pensamento mais quadradinho tenha deixado de existir. Continuou existindo e coexistindo. O que desapareceu foi a ilusão de pureza. Além disso, ter uma filha no início da década de 60 só serviu para deixá-los ainda mais rígidos. Enquanto eles trocavam minhas fraldas, escutavam os vizinhos discutirem marxismo e astrologia. Eu mal tinha aprendido a ler e escrever quando a Beatlemania invadiu as lojas de discos e os televisores preto e branco e abalou para sempre a cultura mundial, e o pensamento de meus pais era: “como poderemos proteger nossas filhas deste

{ 12 }

mundo selvagem?” Nossas filhas, sim, pois em 1962 nasceu minha irmã mais nova, que chamarei aqui de Lúcia, para não comprometer a identidade dela.

Não eram apenas meus pais que estavam preocupados com isso, claro. A julgar pelo golpe militar de 64, mais gente pensava daquele jeito: é preciso manter a ordem a qualquer custo, é preciso repelir os bárbaros, os estudantes, os comunistas, os desprovidos de moral.

Lembro-me de poucas coisas de minha primeira década de vida, mas guardo imagens que às vezes questiono se correspondem a fatos que aconteceram ou se são distorções ou invenções posteriores. As primeiras festas de aniversário, bolos multicoloridos, uma boneca de porcelana que ganhei de presente de uma avó e quebrei na semana seguinte. Recordo especialmente de uma festa de aniversário: completava cinco anos e não conseguia parar de chorar. Meus pais não entendiam o motivo, e eu também não. Era uma festa cheia de adultos, mas com pouquíssimas crianças de minha idade. Adultos tensos, discutindo ou silenciando, enquanto as crianças brincavam, sem se dar conta de nada além da própria alegria de estarem vivas e terem menos de dez anos. E eu chorando, desconsoladamente, chorando logo depois de assoprar a vela do bolo. Disseram para eu fazer um pedido antes de soprar, mas me deu um branco e não pensei em absolutamente nada ao apagar as velas.

Uma lembrança muito mais marcante, que também envolve pranto, é a seguinte: eu e minha família estamos na sala em

um dia quente de dezembro. O ano é 1968. Brinco, despreocupada, com duas bonecas embaixo da árvore de Natal (os presentes não tinham sido arrumados debaixo dela). Meu pai se encontra sentado na sua poltrona favorita. Pega o jornal do dia (só lia as notícias depois do almoço) e começa a contar algo para minha mãe. O volume de sua voz se eleva a cada palavra. Ele fica visivelmente empolgado. Então joga o jornal longe, corre até o armário do quarto (eu o sigo até lá, curiosa) e puxa, da prateleira de cima, uma bandeira empoeirada do Brasil. Volta a passos largos até a sala e pendura a bandeira na janela. Volta a se sentar na poltrona e desaba a chorar. Naquele Natal, ganhei muitos presentes.

*

Não quero passar uma impressão errada. Não quero que pensem que me tornei quem eu sou porque meu pai era de certo jeito ou de outro, porque havia conflitos geracionais fortes entre nós. Talvez por isso eu tenha relutado tanto antes de contar a minha história — porque sei que todas as histórias, quando alcançam o leitor, são enquadradas em teorias que foram assimiladas pelo senso comum, e que servem para “perdoar” as pessoas. São elas que inventam causas que se encaixam diretamente em consequências: essa pessoa é assim porque o pai batia nela. Ela era assim por causa da opressão da sociedade. Então quero deixar bem claro: sou quem sou, matei quem matei, e não espero ser perdoada. A culpa é completamente minha.

*

{ 14 }

A primeira vez que assisti a *Cidadão Kane*, não achei nada demais. Pode parecer absurdo para muita gente, mas assim que tirei a fita do videocassete, me perguntei: “É só isso? Consideram isso a melhor coisa que já aconteceu na história do cinema? Sério?” Sofri para permanecer desperta durante a fragmentada história do jornalista em busca da verdade acerca de Charles Foster Kane, magnata que se envolveu com jornalismo, política e um par de relacionamentos frustrados. Minha decepção foi tão forte que eu nem sequer refleti sobre o final, no qual o significado da palavra Rosebud, dita por um agonizante Kane, interpretado por Orson Welles, é revelado ao espectador e apenas a ele.

Devolvi a fita VHS à locadora. O atendente perguntou se eu havia gostado, e respondi com um rosto franzido. Ele falou, então, que adorava a “mensagem” do filme. Perguntei de que mensagem ele estava falando. O rapaz explicou, então, que Rosebud era o nome do trenó que Kane possuía quando criança, enquanto morava com os pais em uma pequena fazenda. O magnata nunca esqueceu o nome do trenó, pois só na infância tinha sido feliz. Toda sua vida de milionário lhe trouxe apenas tristezas e amarguras.

Primeiro soltei um “ahhhh!”, pois não tinha pensado naquilo. Depois, minha decepção se intensificou, pois além de ser um filme chato, *Cidadão Kane* ainda trazia moral no fim, e das mais baratas. Dinheiro não traz alegria, uau, que filosofia complexa... Que dissessem isso aos *yuppies* de colarinho-branco que rondavam os Estados Unidos com seus carros esporti-

vos, seus blazers de grife, seus American Express de poder ilimitado.

Voltei para casa irritada e naquela noite tive um sonho estranho no qual rememorava uma das cenas finais de *Cidadão Kane*. Nela, o personagem de Welles já não era mais o jovem galã idealista que decide comandar um jornal por compromisso com o povo americano. Pelo contrário: Kane se encontra decadente, careca, sozinho em sua mansão. Ele caminha a passos tortos e inseguros pelos opulentos corredores. Abandonado por sua segunda mulher e sem amigos, Kane atravessa sozinho um corredor que tem espelhos nas duas paredes. Ao passar pelos espelhos, o reflexo de um reflete o do outro, gerando uma continuidade de imagens que prossegue até o infinito. Trata-se de uma cena brevíssima no filme, que deve durar no máximo alguns segundos. Múltiplos Kanes, múltiplos Welles.

Depois da morte de Kane, um jornalista visita a descomunal mansão do magnata, passeia pelos corredores e entrevista um mordomo, sempre em busca do mistério da palavra Rosebud, na tentativa de completar o quebra-cabeça que explicaria quem era Charles Foster Kane. O jornalista volta para o trabalho sem nunca descobrir. O espectador fica sabendo que Rosebud é o nome do trenó. Mas do que adianta? Até o atendente da locadora pode formular a ideia de que se trata de uma mensagem sobre a felicidade dos pobres, essa interpretação limitada. Quando Kane caminha entre os espelhos, em compensação, ele é composto de infinitos Kanes.

Acordei com esta imagem na cabeça. Era apenas uma da manhã, ou seja, eu não tinha dormido quase nada. Seja como for, minha irritação tinha desaparecido. Fui até a cozinha, enchi a chaleira e escolhi um chá. Voltei para a sala e olhei minha coleção de discos na estante em busca de algo para ouvir. Algumas lembranças de meu país: dois discos de Chico Buarque, um de Raul Seixas (que meu pai, se estivesse vivo, me proibiria terminantemente de escutar). Outros vinis (e alguns CDs, embora eu não tivesse renovado ainda toda a minha coleção) que mostravam que já tinha me adaptado ao novo mundo onde vivia: *Rio*, do Duran Duran, um fenômeno pop do qual era até constrangedor, em certos meios, admitir que se gostava. Um álbum repleto de faixas dançantes, mas que sempre me deixava desconfortável quando eu colocava o lado B sob a agulha do toca-discos. Abaixei o volume para não acordar os vizinhos.

Foi quando o telefone tocou, e logo no primeiro alô reconheci a pessoa que tinha me contratado para o serviço. Não quem encomendou o serviço, claro, apenas o seu porta-voz. Os verdadeiros chefões do mundo são apenas sombras distantes no nosso universo. A ligação na madrugada sugeria que a pessoa morava em outro fuso horário.

“Então, vai aceitar o serviço?”, a voz rouca perguntou.

“Preciso ver mais filmes de Welles”, respondi.

“Podemos dar um jeito.”

“Mas nada de fitas de videocassete. Nada de Betamax, nem mesmo *laserdisc*.”

“Tem certeza? Saiu uma edição fabulosa em lase...”

“Preciso assistir no cinema”, disse, categórica.

Seguiu-se silêncio prolongado do outro lado da linha, e depois ruídos que interpretei como os de um jornal sendo folheado.

“Você já esteve em Paris?”

“Não.”

“Tem planos para março?”

*

Reluto em falar de meu pai, pois tenho medo de que isso seja interpretado como o meu Rosebud: a chave de entendimento para a história de minha vida. E, apesar do risco, volto a falar dele, porque, de fato, foi graças ao meu pai que acabei me tornando uma profissional.

Quando eu tinha quinze anos de idade, mudamos para um apartamento amplo, com três dormitórios, perto da praia do Flamengo. Recebi com alegria a notícia da mudança. No auge da adolescência, queria um espaço separado da minha irmã; sonhava com meu canto próprio, onde pudesse escrever no diário, escutar a música que quisesse no meu próprio toca-discos, pendurar pôsteres na parede, ficar em silêncio.

Fomos felizes por alguns meses. Não tenho o que comentar sobre essa época. Famílias felizes, afinal, são todas iguais.

Certa noite, estava deitada na cama de meu quarto, aproveitando o fato de que ele era meu, apenas meu, e que agora eu podia ficar acordada até mais tarde — deviam ser duas da

manhã — lendo à luz do abajur. Ler não era exatamente uma paixão minha, pois sempre preferi a música e o cinema. No entanto, nessa idade, tendo aula na escola em apenas um turno, me sobrava muito tempo livre. Quando adolescentes, temos a sensação de que o dia tem trinta horas. Eu passava tardes arquitetando maneiras de me ocupar. A leitura, logo descobri, consumia bastante tempo, e podia ser realizada até altas horas. Naquela noite, eu tentava entender *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, mas não conseguia assimilar toda a comoção ao redor daquele russo que esperava a morte. Recordei o alerta que meu pai me dera, quando peguei o romance na estante dele: você ainda não tem idade para entender esse livro. Talvez não tivesse, mesmo.

A maioria dos livros que pegava emprestados não era para mim, vou ser sincera. Nunca tive paciência para livros infantojuvenis, sempre preferi os adultos. O prazer que eu extraía da leitura vinha do fato de que, depois de conseguir me concentrar, as palavras do autor ressoavam como uma voz dentro de minha cabeça. Escutava uma voz diferente para cada narrador. O narrador de Tolstói tinha a voz de um velho pescador cheio de histórias para contar. Depois de meia hora de leitura, ao afastar os livros e fechar os olhos, não escutava mais os meus pensamentos. Tampouco ouvia ecos da voz dos narradores. Tudo que existia era o silêncio; os livros calavam minha consciência. Então, eu largava o livro na mesinha de cabeceira, fechava os olhos e adormecia quase instantaneamente.

Naquela noite, eu estava com a mão no ar, conduzindo o livro até a mesa, quando escutei a porta do quarto ao lado se abrir. O quarto de minha irmã. E então, a voz de meu pai — um sussurro grave na escuridão. A voz de minha irmã — um fiapo prestes a estalar. E então, barulhos muito mais incompreensíveis que qualquer livro russo.

Apaguei a luz do abajur e entrei embaixo das cobertas. Enquanto esperava os ruídos cessarem, acabei pegando no sono.

*

Em 1985, não sabia que *Cidadão Kane* tinha sido o primeiro filme a exibir profundidade de campo, artifício fundamental no cinema moderno.

Não sabia que Orson Welles, antes de entrar no mundo dos filmes, havia lido trechos de *Guerra dos mundos* na rádio, levando centenas de americanos a acreditarem que nosso planeta estava, de fato, sendo invadido por marcianos.

Não sabia que o ator e diretor e roteirista e produtor tinha passado uma temporada no Brasil, onde se apaixonou pelo Rio de Janeiro, o carnaval, o samba, os heroicos jangadeiros e — imagino — pelas mulheres brasileiras.

Não sabia que Welles em nada se parecia com o jovem galã que surge no início de *Cidadão Kane*. Não sabia que ele tinha se tornado incrivelmente gordo e que sua voz, antes achocolatada, ficara ainda mais característica com a rouquidão da velhice, o timbre arranhado da morte que se aproxima.

*

{ 20 }

Quase ninguém acredita quando comento, mas a insônia me persegue desde a infância. Não parece um problema infantil – que criança não dorme bem? –, me corrigem. Às crianças, basta que você as deixe num cantinho enroladas em um cobertor e elas adormecem em um instante, me garantem. Insônia é como dor de cabeça: não é um problema infantil. Dizem.

E eu realmente não sei quando começou. Para mim ela esteve presente desde que tenho consciência. Em minha lembrança mais remota de noites no quarto pintado de cor-de-rosa, há a imagem infatigável do teto, o teto branco, de uma brancura tranquilizante que contrastava com o rosa algo exagerado das paredes. Uma hora olhando para o teto de olhos bem abertos.

Recentemente, passei a desenvolver algumas hipóteses. Como, por exemplo, a culpa da coca-cola que bebíamos ao jantar. O refrigerante não era tão comum na época, e meu pai gostava de esbanjar e oferecer a bebida para as filhas o tempo todo. Era a sua maneira de mostrar que ele também podia nos fazer pequenos agrados. Ninguém discutia na época, claro, que um copo de coca-cola tem uma quantidade considerável de cafeína, quantidade essa que, no corpo leve de uma criança, pode ter um efeito forte.

A falha em minha teoria? Minha irmã. Consumia a mesma quantidade de refrigerante que eu e dormia, dormia com facilidade, dormia em qualquer canto. Era a criança que as pessoas afirmavam ser a *norma*. Apesar de tudo, ela dormia. Eu, por outro lado, lia e lia, deixando as vozes alheias invadirem meu cérebro até que qualquer palavra minha fosse banida da mente.

*

Uma semana depois de eu ter terminado a leitura de *A morte de Ivan Ilitch*, meu pai voltou a visitar o quarto de minha irmã. Eu não estava lendo nada, nem estava com o abajur aceso, estava apenas deitada quando escutei os barulhos. Ao invés de esperar que eles cessassem, escapei da cama, sorrateira, abri a porta o mais lentamente que pude e caminhei na ponta dos pés pelo corredor. Na frente da porta do quarto de minha irmã, me abaixei e olhei através do buraco da fechadura e vi meu pai e vi minha irmã.

*

Nem sempre durante a adolescência tinha paciência para ler um romance à noite. Às vezes, gostava de colocar o abajur de baixo do lençol e escrever em meu diário. Guardo os diários até hoje, e frequentemente consultei aquelas páginas para ver se haveria ali *alguma* explicação, para qualquer coisa que fosse, mas nunca soube como interpretar relatos do que tinha comido no almoço (“Arroz, feijão, bife, batata. O feijão era vermelho e o bife estava bem passado”), ou os extensos comentários sobre o clima (“Três dias que não chove. Como pode não chover? E as fazendas? Elas não precisam de chuva? Quem gosta de chuva? Eu gosto de chuva. Mas será que os cachorros gostam de chuva? Cachorros não gostam de tomar banho. E gatos? Gatos menos ainda. Mas hoje vi uma nuvem, só que era uma nuvem branca. Acho que nuvem branca não tem chuva.

{ 22 }

Mas teve dias que olhei para o céu durante uma tempestade e vi nuvens clarinhas. Mas eram cinza.”). Talvez conseguisse encontrar alguma explicação relendo as longas cartas de amor que escrevi a meninos do colégio que eu achava bonitos e que nunca receberiam aquelas cartas, redigidas com letra caprichada em um papel de carta com bordas floreadas. O problema é que todas foram rasgadas poucos dias depois de serem escritas, pois temia que alguma pessoa viesse a encontrar as cartas e contasse para — enfim, para qualquer pessoa. A mera ideia de que um ser humano além de mim soubesse que escrevi a palavra “amor” em um papel de carta me envergonhava profundamente. Para ser sincera, acho que rasgava as páginas em minúsculos pedacinhos porque nem eu aguentava ver aquelas palavras saindo de minha mente e se tornando concretas no papel.

Quando passei a dar preferência à escrita ao invés da leitura, desenvolvi outras técnicas para conseguir dormir. O problema é que a leitura de romances me anulava, eu me deixava ser levada pela voz de outros narradores, enquanto, ao escrever, o oposto ocorria: eu ficava elétrica e, como consequência disso, sem sono.

Uma estratégia mental que nunca vou saber como surgiu é a de imaginar que tomo um tiro na cabeça. Devo ter visto, por acidente, um filme violento na televisão, algo que se passava na Segunda Guerra Mundial sem dúvida, pois a primeira vez que imaginei um tiro sendo disparado contra a minha cabeça, o autor do disparo (uma mão sem corpo trajando luvas

de couro) usava uma pistola Luger — nome que eu não conhecia na época —, uma arma à qual eu atribuía a qualidade de ser, ao mesmo tempo, futurista e antiga.

Eu imaginava o disparo no momento crítico da insônia, isto é, o momento no qual eu tinha um surto de raiva por estar há horas me revirando na cama. Depois de mudar de posição trinta vezes, quando me preocupava com o horário indicado no relógio, sabendo que teria que acordar cedo no dia seguinte e passaria o dia inteiro como se estivesse entorpecida, incapaz de prestar atenção à aula. Rangendo os dentes de raiva, raiva que sentia por mim, pelo meu corpo estranho e pelo meu cérebro desgraçado que não me deixava adormecer como uma pessoa normal, fazia brotar a imagem de um braço se aproximando sorrateiramente e disparando contra minha cabeça. O pensamento me acalmava de tal forma que logo me rendia ao sono. E foi assim que a estratégia mental se tornou recorrente.

O mais estranho é que a arma mudava conforme os pensamentos anteriores e o nível de desespero. Por exemplo, sempre que me recordava do que tinha visto pelo buraco da fechadura no quarto de minha irmã, sempre que aparecia a imagem de meu pai e minha irmã, uma imagem que, se eu fechar os olhos agora, ainda serei capaz de reconstruir com todos os detalhes, quando eu enxergava na minha tela mental a minha irmã de braços, nesse momento imaginava uma espingarda de cano duplo se aproximando de minha cabeça, o metal encostando nos meus cabelos, o gatilho sendo pressionado, e o efeito

devastador de um tiro de espingarda se produzindo, meu cérebro espalhado pela cama, minha cabeça dando lugar a um lago de sangue.

*

O que meu pai gostava de fazer? Como tudo que resta dele são as lembranças, esgravato a memória em busca de algumas imagens. Ele gostava de ler o jornal. Ele gostava de jogos da seleção brasileira. Ele não ouvia muito rádio. Não música, ao menos. Ele tinha uma biblioteca considerável, mas não era um leitor fiel. Havia algo que ele gostasse de fazer? Algo que lhe desse prazer? Por acaso sou capaz de lembrar de meu pai sorrindo?

Aprendi muito sobre o meu pai com o passar dos anos, sempre pelo relato de outros. Mas nunca fiz certas perguntas que deveria ter feito. O que meu pai gostava de fazer? Ele sorria? E como era o seu sorriso? Aberto, mostrando os dentes? Tímido? De boca fechada? Na hora de gargalhar, ele fechava a boca, espremia os olhos e sacudia os ombros, como alguém tímido demais para soltar uma gargalhada? Ou ele liberava um sonoro rá rá rá rá rá? É estranho pensar que lembro de meu pai chorando, mas não de meu pai gargalhando.

Nunca contei a ninguém aquilo que vi pelo buraco da fechadura. É um segredo que, como dizem, foi levado ao túmulo. E meu pai morreu tão cedo. Meu pai, o homem sério, seríssimo, o homem que acreditava em honra, em moral, em ordem e progresso, o homem que acreditava no Brasil, o homem que — nunca perguntei a ele, mas só pode ser verdade — espe-

{ 25 }

rava uma morte digna, quiçá heroica, ou talvez uma morte tranquila como um senhor de idade que fez tudo o que devia ser feito e chegou ao fim da estrada com a paz de ter vivido uma existência plena. Ele morreu tão jovem, e de forma tão estúpida. Pensar nisso desenha um sorrateiro sorriso em minha boca.

*

Um acidente doméstico bem comum é a queda no chuveiro. Uma pessoa que está tomando banho precisa tomar muito cuidado. O chão está úmido, e é muito fácil resvalar no piso e chocar a cabeça contra a parede ou a quina da banheira de azulejos. Acho que meu pai gostava de tomar banho, pois sempre demorava muito mais do que minha mãe ou minha irmã.

*

Todo o cuidado no chuveiro não é o bastante. Às vezes, se deixamos cair o sabonete, ou até mesmo um pouco de xampu, o chão fica ainda mais deslizante. Não adianta se segurar na torneira do chuveiro, especialmente quando estas estão frouxas na parede, com os parafusos meio soltos. A queda no chuveiro pode ser letal se a cabeça da pessoa sofre um impacto muito violento. Não há crânio que resista. Às vezes achamos que nossa cabeça é forte e resistente, pois ela guarda o cérebro e o peso insustentável da infinidade dos nossos pensamentos. Mas a cabeça é uma parte do corpo como qualquer outra, uma parte frágil e quebradiça.

{ 26 }

*

Quando vi o corpo do meu pai todo arrumado, de terno e gravata, no caixão, em 1975, fiquei feliz em pensar que ele não era sobre-humano como um dia imaginei. Ele era frágil como Ivan Ilitch.

*

Em 1975, quando meu pai morreu, soube que aquele era um momento definidor de minha vida, que as coisas não seriam mais as mesmas. Mas não imaginava aonde isso me levaria. Se alguém me dissesse que dez anos depois eu teria visto o que eu vi (mortes, sangue etc. etc.), apenas gargalharia.

*

Em 1985, minha banda favorita era um grupo de Manchester que estava começando a fazer sucesso entre os jovens, anos depois do suicídio do vocalista. O cantor, chamado Ian Curtis, se enforcara aos vinte e três anos, deixando uma obra que só agora começava a ser entendida. O seu corpo não foi enterrado, mas cremado. Apesar de suas cinzas terem sido enterradas em Macclesfield, penso que os vapores da chaminé do crematório espalharam seus átomos pelo mundo e que, a partir de dezenove de maio de 1980, depois que um vento forte soprou, todo o Ocidente passou a respirar os restos mortais de Ian Curtis.

Em 1985, muitas pessoas ao meu redor estavam começando a se vestir de um jeito esquisito. Desde o início da década,

{ 27 }

havia um predomínio de cores berrantes: rosa, roxo, verde-limão. E, de repente, o preto começou a invadir. Primeiro, uma camiseta de *heavy metal*. Depois, um coturno escuro. Então, uma calça preta. A camiseta de *heavy metal* deu lugar a uma camiseta preta sem estampa, sem nada, completamente escura. E, quando vi, não apenas mulheres, mas também homens estavam passando lápis de olho. Os homens não sabiam se maquiaram, e constantemente deixavam um grande borrão debaixo dos olhos. Era uma mancha sombria que escorria pelo rosto deles e que se refletia em todo o resto das suas vestimentas. Nas festas, as pessoas dançavam de um jeito mais e mais estranho. Muitos imitavam a dança epilética de Ian Curtis, sacudindo os braços fora do ritmo. Nem todos copiavam a sua expressão apavorada de gado prestes a ser abatido, o seu olhar fixado em algum objeto que não estava lá.

Em 1985, eu não sabia que Orson Welles carregava o fardo de não ter conseguido completar vários filmes. Que ele era considerado um artista fracassado por muitos. Que ele tentara adaptar *Dom Quixote* e que a tarefa, ironicamente, havia se revelado quixotesca.

Em 1985, eu não sabia que *F for Fake*, um filme que Welles dirigiu em 1973, antecipava toda a estética que dominaria a década de 80. Que seus cortes relâmpagos e seu estilo picotado era o resumo da MTV, um canal a que eu assistia com devoção naquele ano.

Em 1985, eu não sabia que a grande maioria dos filmes de Orson Welles traziam protagonistas fortes, vigorosos, maiores

que o mundo, e que a coisa mais fácil, enquanto espectador, era confundir a figura do próprio Welles com a de seus personagens. A sua performance como Charles Foster Kane fora tão marcante que Welles parecia ser Kane, uma figura incompreensível que movia massas. Cidadão Welles.

Eu não sabia nada de nada em 1985, no dia em que o telefone tocou, no dia em que alguém que nunca saberei quem é, uma dessas sombras fugazes que só podem ser vistas em dias nublados e que, ainda assim, governam nosso mundo, encomendou a morte de Orson Welles. O dia em que eu atendi o telefone e alguém que conhecia muito bem meu currículo, que sabia que eu era brasileira e morava nos Estados Unidos, que sabia que eu já havia matado muita gente, pediu que eu matasse Orson Welles. O dia em que eu, ingênua, estúpida, perguntei: “Orson Welles é aquele diretor de cinema, não?”